

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

9 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS, CINEMA É A MANEIRA DE AS CONTAR

QUEM ÉS TU? / 2001

Um filme de João Botelho

Argumento: João Botelho, baseado em “Frei Luís de Sousa”, de Almeida Garrett e precedido por “Sonhos e Pesadelos Sebastianistas” de D. Maria de Noronha / *Director de fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Elso Roque / *Guarda-Roupa:* Sílvia Grabowski / *Música:* António Pinho Vargas / *Som (dolby digital):* Philippe Morel (gravação), Waldir Xavier (montagem) / *Interpretação:* Patrícia Guerreiro (Maria), Suzana Borges (D. Madalena de Vilhena), Rui Morrison (Manuel de Sousa Coutinho), Rogério Samora (Frei Jorge), José Pinto (Telmo), Francisco d'Orey (D. João de Portugal), Bruno Martelo (D. Sebastião).

Produção: João Botelho para 39 Degraus; produtor executivo: Filmes do Tejo / *Cópia:* 35 mm / *Duração:* 112 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza (competição, Setembro de 2001 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 24 de Novembro de 2001 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de Março de 2005, no âmbito do ciclo “Diretor de fotografia portugueses: Elso Roque”.

A um certo nível, **Quem És Tu?** foi um movimento tático, um *career move* por parte de João Botelho, que acabara de fundar a sua produtora, 39 Degraus, uma denominação escolhida em homenagem já se sabe a quem. Botelho quis de imediato produzir um filme para escapar às vicissitudes da produção em Portugal e talvez por isto tenha adaptado um texto teatral, o que implica uma rodagem em espaços fechados, com menos imponderáveis do que uma rodagem em cenários naturais. O filme pode inclusive parecer um hiato no seu trabalho, na medida em que foi feito entre uma comédia e uma farsa contemporâneas, **Tráfico** e **A Mulher que Acreditava Ser Presidente dos Estados Unidos da América**, os dois objetos cinematográficos mais diferentes de **Quem És Tu?** que se possa imaginar. Por outro lado, **Quem És Tu?** exemplifica uma das características do cinema português, o luxo de pobres que é uma certa liberdade na escolha dos temas e das formas, que João Botelho filiou numa entrevista ao exemplo de Rossellini, “*que inventou o cinema contemporâneo ao fazer grandes coisas com poucos meios*”. Esta ideia, marcante na geração de Botelho e na seguinte, cujo principal representante em Portugal é Pedro Costa, parece enfraquecida junto às gerações mais jovens do cinema português (os meios continuam poucos, mas a ambição de fazer grandes coisas parece ter desaparecido). O futuro dirá se **Quem És Tu?**, além de ser o objeto cinematográfico que é, também é um exemplo do que poderá ser o período final do cinema de autor português, tal como este se manifestou a partir de fins dos anos 70, mais precisamente a partir de **Amor de Perdição**, que lançou no circuito cinéfilo internacional o “fenómeno Oliveira” e, de roldão, o fenómeno do cinema português de autor, de que Botelho é indiscutivelmente um dos nomes principais.

Quem És Tu? revisita e de certa forma retifica, partindo de pressupostos ideológicos totalmente diferentes, o mito do sebastianismo, que Manoel de Oliveira tratara de modo direto em **Non ou a Vã Glória de Mandar** e talvez, de modo indireto, em outros filmes (**O Quinto Império** só seria feito três anos depois do filme de Botelho). O estranho fenómeno que fez com que o rei que encarna a derrota mais absoluta se transformasse no mais amado de uma longa história, aquele cuja morte a credence popular se recusou a aceitar, merece a atenção de Botelho, mas sem a menor indulgência. Na entrevista acima citada, ele diz que no texto de Garrett “*está a ideia de Portugal, que é a única que me interessa. D. Sebastião é uma figura perigosa, porque todo o edifício místico está à volta dele, tanto assim que originou Salazar...*”. Não por acaso, o texto de Almeida Garrett fora adaptado ao cinema em 1950 pelo mais oficial e medíocre de todos os cineastas salazaristas, António Lopes Ribeiro. Mas Botelho teve evidentemente outros pontos de referência e o mais

evidente, ainda que por antífrase, é Manoel de Oliveira, com quem este filme estabelece uma espécie de diálogo crítico. **Quem És Tu?** começa com um prólogo à peça, *Sonhos e Pesadelos Sebastianistas*, que revê de modo crítico aquilo que precede o nascimento do mito, inclusive com a presença do personagem do rei, representado em conformidade com a iconografia oficial, bem presente e bem falante, em total oposição ao que se passa na peça, na “ação” principal do filme, sobre a qual ele paira como uma sombra. O regresso inesperado de D. João de Portugal (um apelido nada inocente), indesejado (por oposição ao Desejado) testemunho do desastre causado pelo sebastianismo enquanto realidade e antes de ser mito, é uma intrusão perturbadora numa paz baseada na mentira, uma inversão do mito. Para Botelho, o sebastianismo é “*uma abdicação da História e uma prova póstuma da nacionalidade*”, uma ideia transcrita com clara sutileza no seu filme. O paralelo que o espectador pode fazer entre a figura de D. João de Portugal e a de Ulisses é significativo: se ao termo do seu périplo, Ulisses voltou à sua ilha, foi reconhecido por um velho cão e por um porqueiro, encontrou a mulher fielmente a esperá-lo e dizimou os pretendentes dela, no texto de Garrett aquele que regressa, não da mobilidade de um périplo mas da terrível imobilidade de um longo cativo, é reconhecido por Telmo antes de o ser pela mulher. Mas o contexto é o da culpabilidade cristã, do pecado que é a bigamia. A revista italiana *Cineforum* observou a respeito deste aspecto do filme que o motivo religioso é abordado de modo “*muito interessante: o sentido de pecado cultivado pelos protagonistas, o seu abandono pela filha, que poderia ser justificado por uma interpretação rigorosa de certos passos do Evangelho, aqueles que aludem à vinda de Cristo para dividir e não para unir, ou os que fazem alusão ao repúdio dos afetos familiares em nome da fé*”, e que “*não obstante a posição neutra do realizador, são considerados negativamente*”. É esta consideração negativa, esta visão crítica e totalmente descrente, em todos os sentidos do termo, do mito sebastianista e das suas consequências históricas que faz com que este filme estabeleça uma espécie de diálogo crítico com certos aspectos da obra de Manoel de Oliveira. E se Botelho não deu ao seu filme o título da peça que adapta, mas uma das suas réplicas mais célebres, é porque, mais do que adaptá-la, ele de certa forma cita-a: “*Quem és tu? Quem são os personagens, as imagens e as situações que perturbam o sono de Maria? Quem és tu, rei imberbe, cuja loucura foi a nossa desgraça e cujo fantasma atormenta os nossos sonhos? Quem és tu, prisioneiro de Fez, que vem pôr em causa a nossa tranquilidade e a nossa desolação?*”.

A realização dá, evidentemente, o máximo relevo às palavras e a capacidade dos atores em dizer o texto, sem pompa de atores de teatro nacional oficial, foi muito trabalhada. Mas o sentido das imagens é, como sempre em Botelho, extremamente agudo. A evocação da batalha de Alcácer Quibir é feita por um longo *travelling* sobre corpos mortos ou feridos, até chegarmos a um cadáver em decomposição. Ou melhor, um *travelling* sobre partes destes corpos, partes que revelam o todo, num plano que parece uma homenagem explícita a Bresson. Na transposição da peça propriamente dita, Botelho recusa o plano-sequência, que utilizado em si mesmo, arbitrariamente, pode ser um simples maneirismo. Altera subitamente a escala dos planos, passando, por exemplo, de um plano americano a um plano geral, o que também é uma maneira de relançar e pontuar o texto. Independentemente de alusões precisas à pintura (o crítico italiano acima citado menciona El Greco, Caravaggio e Bacon), é a luz cinematográfica que esculpe o filme, com um uso magistral do claro-escuro, que faz com que os rostos humanos pareçam emergir da sombra. E o plano final é o de uma cortina que se fecha, não apenas sobre o filme, não apenas sobre a peça que transpõe, mas sobre o mito tenebroso que está por detrás de tudo.

Antonio Rodrigues